



O Candeeiro

Terra abençoada pelo trabalho: Fazenda Manos Kolping

- Sabe qual é a maior bênção que a gente tem na vida, minha filha?, respondi - a saúde (?) seu, José!, ele, rindo, balançou devagar e negativamente a cabeça - não, filha, a agricultura!

Seu José Bento de Freitas, fala lúcido e sorrindo sempre, ensinando sobre a vida com a sabedoria de 102 anos vividos no Semiárido. É o mais velho morador da fazenda Manos Kolping, da comunidade Serra do Evaristo, Baturité. Hoje ele já não vê mais, mas sabe contar do passado e a atual história de luta da comunidade, porque é um personagem vivo de anos a fio de combates (como ele mesmo diz) contra as dificuldades de se morar no Sertão, sob a exploração dos donatários de terras e da política.

A fazenda Manos Kolping é uma comunidade surgida e sobrevivente por causa da luta dos/as agricultores/as. É um território comprado com doação da organização internacional Manos Unidas, ligada à Igreja Católica da Espanha. O contato foi feito pela Obra Kolping do Brasil com o apoio do então Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, que escreveu uma carta em nome da comunidade do Evaristo. Em homenagem às duas instituições, foi escolhido o nome da fazenda. Era uma ação urgente a ser feita pelos/os moradores/as da Serra do Evaristo, já que não tinha mais espaço para o crescimento populacional nem para plantar o roçado, pois o topo da serra é tomado de bananeiras e áreas de proteção.

Os primeiros moradores do sertão, como o povo do Evaristo chama a fazenda, foram seu Raimundo Bento de Freitas e sua família, chegando em 1989. Não foi difícil o desafio de ocupar uma terra nova porque, para ele, “aonde for, se tem campo pra trabalhar, a gente acha bom né?”. Para quem estava “imprensado” entre casas e bananeiras, a fazenda para os/as novos/as moradores/as “era terra pra não acabar mais”, completa dona Gulora, mãe dos 11 filhos com seu Raimundo. Em pouco tempo, os espaços foram sendo divididos, e hoje, 23 anos depois, seu Raimundo é um dos representantes da comunidade com 18 famílias, cerca de 80 pessoas, que compartilham a terra para o roçado, mamona, cajueiros e outras fruteiras, e os sonhos de prosperidade. Seu Raimundo desabafa: “O que eu possuo hoje, se fosse na serra, não possuía não”.

“Quem sabe faz a hora”

A comunidade da fazenda Manos Kolping não espera os benefícios estaduais ou federais chegarem por lá, mesmo que alguns já tenham ajudado bastante. Com o estímulo da formação humana pelo trabalho, que a Obra Kolping prega, a comunidade (serra e sertão) recebe doações de parceiros internacionais da Obra, com o uso dos subsídios direcionado ao trabalho, investimento na agricultura familiar e qualidade de vida dos/as moradores/as. A fazenda, como chamam o casarão do local, foi construído com doações e as mãos dos agricultores em mutirão. Lá é onde está a primeira cisterna da fazenda, subterrânea e de



Os agricultores Raimundo Bento, Israel e Bê.



O açude condenado da comunidade, o apiário, a casa do mel e as casas da fazenda

alvenaria, que abasteceu por algum tempo a comunidade; é, também, onde foi instalado um sistema de placas de energia solar que abastecia as antigas casas, outra doação internacional. Após alguns anos, construíram suas casas e algumas cisternas de placa, que aprenderam com um pedreiro de Ocara, depois de uma capacitação na fazenda, e aos poucos, foram construindo outras por conta própria. Recentemente a Organização Barreira Amigos Solidários (Obas), instituição da sociedade civil, membro da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), implementou cisternas de placa na serra do Evaristo.

Os/as moradores/as também estão sempre em busca de fomentos para realizar projetos de melhoria na fazenda. Fazem isso, principalmente, com empréstimos, porque é a opção mais fácil de conseguir recurso rápido. Por outros meios, como inscrição em projetos gratuitos do governo Estadual, é sempre mais complicado. Com empréstimo do Pronaf Mais Alimentos, do BNB, conseguiram comprar um caminhão, para transportar a produção da fazenda e os agricultores que residem na serra, mas que tem seu roçado no sertão, facilitando a geração de renda da própria comunidade para pagar a dívida. Mas nem tudo é tão fácil, como o líder comunitário Delvani dos Santos conta, pois a burocracia emperrou o processo com a exigência de uma ata com assinatura de todos os fundadores da fazenda, “foi uma luta grande, como eles queriam todas as assinaturas se a gente provava que alguns deles estavam mortos? Foi cruel. Mas no fim, deu tudo certo!”.

“O mel é combinado com a natureza”

Essa é a fala de seu José Marcos, o Bê, agricultor - em primeiro lugar, como prefere dizer - e pedreiro. Ele foi um dos primeiros a chegar na fazenda e ajudar a construí-la. Conta do legado de um projeto da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado com o MDS. Os/as moradores/as receberiam diversos benefícios, mas a execução não foi finalizada, deixando apenas 20% dos recursos. Salvaram os equipamentos da casa do mel, 70 colmeias, açúcar, pectina e sacos plásticos para fazer polpas em parceria com o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) para a prefeitura de Baturité. Para a produção de mel, tinham equipamentos bons, de qualidade industrial, porém num local de risco, dentro do casarão, onde circulam muitas pessoas, inclusive crianças, diariamente. O risco de trazer as telas das colmeias é atrair as abelhas. Sonham e estão na luta, a procura de algum recurso para construir a casa do mel em outro lugar mais seguro.

“Sempre quando a comunidade tinha dificuldades, a gente compartilhava. e procurava junto resolver as coisas, coletivamente. A gente tem muito que agradecer e fazer por onde preservar, manter, mesmo com esse problema da seca... Se não houvesse organização, a comunidade Kolping nem estaria mais aqui”, reflete, mostrando que, como uma colmeia, a comunidade segue unida e organizada, enfrentando as adversidades históricas, climáticas e políticas, aceitando o que a vida dá e fazendo o melhor que podem.

Realização:

Apoio:



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

